

## O uso das Histórias de Vida como projeto de pesquisa-formação: um estudo longitudinal

Raquel Bastos Trindade, Bárbara Pires Wegner

### Resumo

O Tema que aqui abordaremos - histórias de vida em formação - tem sido recorrente nos estudos voltados a formação docente, inicial e continuada, aspecto esse ignorado nos períodos anteriores a década de 1980. Eles advêm de diferentes disciplinas e, portanto, a partir de diferentes pontos de vista. Portanto, a pesquisa caracteriza-se por ser um estudo longitudinal que vem acompanhando um grupo de sete alunas do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, desde 2006 e que se estenderá até 2009, perfazendo, assim, um período de quatro anos. O foco a ser buscado, é saber como as imagens, as representações e os arquétipos, presentes nas trajetórias e histórias de vida, e as marcas que deixaram nessas alunas influenciando a sua formação inicial. Ou seja, parece que está se buscando uma sensibilidade para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento. Além disso, muitos procedimentos biográficos foram introduzidos para acompanhar, orientar, suscitar ou facilitar a elaboração dos projetos pessoais de indivíduos em busca de uma orientação ou de uma reorientação profissional. Isso se deve ao fato de pensarmos ser este momento, o da formação inicial, como a pedra angular para a futura prática docente. Os referenciais mais estudados por nós, na condição de bolsistas, são os relacionados às Histórias de Vida, sobretudo os produzidos pela Suíça Marie - Christine Josso, que desenvolveu um método de pesquisa a partir das histórias de vida das pessoas, o qual ela denominou de Narrativas (auto) formadoras. A metodologia que vem sendo empregada ancora-se em um “olhar para si”, fundamentada tanto em Josso (2004) quanto em Durand (1988), no que se refere ao “psicologismo metodológico e a metodologia de convergências”. Assim construiremos uma metodologia de convergências com o intuito de buscar as homologias entre as narrativas autobiográficas, as imagens da infância e as representações atuais, através de diversos materiais por elas produzidos. Atualmente, temos realizado encontros mensais com todo grupo e, após cada encontro produzimos algumas narrativas de acordo com a temática da reunião. Para isso, utilizamos como instrumentos motivadores desta escrita, diferentes materiais. Tais como: fotos, cartas, filmes, etc. Através das vivências e dos resultados que viemos obtendo, observou-se que nas trajetórias destas aprendizes de professora estão subsumidas alguns núcleos simbólicos, sendo eles coletivos e individuais. **Os núcleos individuais:** fracasso como foco na vida; a escola como palco para novas experiências; já os **núcleos coletivos** foram: o grupo como um dispositivo de autoconhecimento, valorização do subjetivo e do objetivo na autoformação e importância do professor na história de vida dos alunos. É neste sentido que as narrativas biográficas podem ser entendidas como “biografias educativas”, segundo a interpretação de Josso (2004), pois permitem que estas alunas possam refletir sobre o passado para, assim, proporem novas ações tanto no presente, quanto no futuro. Deste modo, percebemos os relatos (auto) biográficos, como sendo um fértil material para uma melhor compreensão sobre o modo como vamos construindo a nossa docência. Os diferentes “eus”, que narramos desde as nossas experiências no âmbito da escola, estão mediados por outras experiências que se localizam, sobretudo, na família e na comunidade (no enraizamento cultural). Segundo (PERES, 2002) a formação do professor, da aprendiz de professora, neste caso, nos remete a relações complexas, quando trazemos a reflexão sobre a experiência vivida em seu amplo espectro. Os

saberes pessoais estão ligados às aprendizagens oriundas da própria experiência, quer se trate de um momento único ou de uma experiência vivida repetidas vezes. O que limita o saber pessoal, é o fato de que ele é feito de pressupostos e argumentos que não são verificados por meio de métodos científicos. Portanto, de certo modo, o uso das narrativas tem caráter de “pesquisa-formação” (JOSSO, 2004), bem como são “molas propulsoras” para trazer à luz algumas experiências. Pode ser narrativa oral, escrita (poética e/ou imagética). Isso porque a pesquisa do tipo história de vida ou do tipo (auto) biográfica pode utilizar diferentes fontes. Por fim, acreditamos que este tipo de pesquisa poderá contribuir com as discussões acerca dos processos de formação docente, contemplando a subjetividade que acaba por permear todo este processo. Uma vez que, segundo Josso (2004) o campo de formação de professores não pode limitar-se aos aspectos mais técnicos desta formação, necessitando, também, de uma melhor compreensão sobre os processos pelos quais as pessoas se formam.